

Rita Castro Neves + Daniel Moreira: natureza = vidro [+x:-] paisagem na cidade¹

Não se descreve o que se vê todos os dias ; não se ajuíza com o propósito de evidenciar costumes, usos, aspetos que se conhecem desde a infância.

Albert Babeau²

Para mim, as fotografias de paisagens (urbanas ou campestres) devem ser habitáveis, e não visitáveis. Esse desejo de habitação, se o observo bem em mim mesmo, não é nem onírico (...), nem empírico (...), ele é fantasmagórico, prende-se a uma espécie de vidência que parece me levar-me adiante, para um tempo utópico, ou me reportar para trás, para não sei onde de mim mesmo.

Roland Barthes³

O conceito de paisagem não é somente uma vista mas antes um território ou um sítio, mesmo que estes sejam visíveis (o seu ser não se reduz à visibilidade).

Jean-Marc Besse⁴

Aqueles que foram os artistas viajantes. Rita Castro Neves [RCN] e Daniel Moreira [DM] vivem a sua condição de viajantes, tanto quanto permanecem tempo suficiente em São Paulo para sentirem as resiliências e os vestígios fruto do impacto societário, fundado em intensas vivências pessoais. Não se trata de atos de viagem, plasmados por assunções narcísicas, nem narcisistas. São atos em viagem de partilha, quando encontram os demais que porventura deixam de ser estranhos e são incorporados nas memórias de outrem (plural este outrem...).

Haverá que sublinhar que entendo estes dois artistas, situando-os na categoria daqueles que viajam, ainda com a expectativa da descoberta que, sendo deslocação de lugar, é muito prioritariamente movimentação dentro da própria pessoa. Significando-lhes a capacidade de se moverem, a disponibilidade altruísta de achar os outros, todos aqueles que povoem os seus dias numa cidade que, antes, lhes foi alheia. Numa conferência proferida em 1997, Lucien Gurlinger enunciava a distinção entre três tipos de pessoas que viajam, atribuindo três designações aos viajantes plausíveis. Na língua portuguesa dificilmente haverá três termos diferenciadores, pelo que recupero os originais do francês:

1. Voyageur – “...se déplace pour s’enrichir, pour s’éprouver au contact de cultures, de paysages, de mers et d’hommes surtout, différents. »
2. Voyageant – “...se déplace pour son travail. Même s’il peut accessoirement y trouver du plaisir. »
3. Voyage – “C’est le touriste moderne dont les déplacements sont collectifs, organisés et aliénés, c’est-à-dire entièrement abandonnés à d’autres, les voyagistes. »⁵

¹ Lembrando Paulo Reis, quem me deu a conhecer muitos dos amigos do Brasil.

² « On ne décrit pas ce qu'on voit tous les jours ; on ne juge pas à propos de mettre en relief des mœurs, des usages, des aspects que l'on connaît depuis l'enfance. » Albert Babeau, *Les Voyageurs en France, depuis la Renaissance jusqu'à la Révolution*, Paris, [1885] 1928, p.9 in [ftp://ftp.bnf.fr/551/N5516086_PDF_1_-1.pdf](http://ftp.bnf.fr/551/N5516086_PDF_1_-1.pdf) (consultado a 3 agosto 2014)

³ Roland Barthes, *A Câmara Clara*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p.63

⁴ Jean-Marc Besse, *Voir la Terre - Six essais sur le paysage et la géographie*, Paris, Actes du Sud, 2000, p.100

⁵ Cf. Lucien Guirlinger, *Voyages de Philosophes et Philosophies du voyage*, Paris, Ed. Pleins Feux, 1998, pp.13-14

Ainda que estes dois artistas portugueses remetam para a primeira aceção “voyageur”, por certo existe uma deslocação por motivos de trabalho do “voyageant”, que todavia está subsumida e é suplantada por determinações antropológicas e societárias, em contexto cultural e artístico.

A mobilidade por causas artísticas propicia enchimentos de estranheza que são domesticados, leia-se “absorvidos”, devidamente combinados os novos conteúdos experienciais às idiossincrasias e consignações de disponibilidade que estes dois artistas sempre privilegiam. Daí serem nomeadas, iconograficamente e através de elementos indiciais e/ou simbólicos, pessoas com quem Rita Castro Neves e Daniel Moreira coincidiram em convívio no Ateliê Fidalga: Neuza, Marcia, Bahia, além de Sandra Cinto e, embora à distância no Japão, com Albano Afonso. As características e partilha de todos eles configuraram um trajeto visual e quase ontológico que se desenrola num trajeto pelas paredes da Sala Projeto. As unidades tematizam pequenos episódios, detalhes (d’après Daniel Arasse) que se adensam na malha, no território da cidade.

O que é o estrangeiro? Quem é o estrangeiro, perguntar-se-á depois de tantos escritores e filósofos o terem indagado e seguindo Edmond Jabès [dixit].

Em finais do séc. XIX, o francês Albert Babeau sublinhava a perspicácia, acuidade das reflexões procedendo da escrita de estrangeiros, por comparação às desenvolvidas pelos habitantes locais, relativamente àquilo que os rodeia. Destaco a afinidade, relativamente ao conceito desenvolvido pelo filósofo brasileiro Nelson Brissac-Peixoto, à designação “olhar do estrangeiro”.⁶ Coincidem numa nota primordial: a capacidade de detetar aspetos que aqueles que residem, num local determinado, são incapazes de evidenciar. Verbalizam essas características com a nitidez e genuinidade de um primeiro olhar que é descontaminado, o olhar possível e suficientemente “modesto”, aquele que se manifesta como o mais frequente – sua condição e situação - no homem atual: “...capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem perceber”; aquele que sabe ver além das representações emanadas das imagens, caso não haja uma ação de pensar que tenha intimidade com as sensações, assim saiba destacar para além da pele, do aparente. É o olhar que converge para o fundamental, em estado de exigência que rareia na contemporaneidade, capaz de isolar, de delimitar sem estar aculturado, de perceber além dos constructos, de uma *imagerie* inquestionada, por assim o afirmar. Salvaguardando as diferenças, pois Brissac-Peixoto evoca a capacidade para ultrapassar os simulacros.

Por outro lado, recupere-se e assinale-se a ideia da deslocação que é conduzida, entre locais que se procuram, sendo obviamente diferente consoante o modo de locomoção. Para atravessar o oceano, o avião. Entra-se num continente e desce-se num outro, de pernas-para-o-ar [de ponta-cabeça], pois se aterrou em outro hemisfério... Depois, na cidade houve que calcorrear os arredores do Ateliê Fidalga e fazer incursões sucessivas pela malha da cidade adentro, pausando-se na casa temporária.

John Brinckeff Jackson, em *Roads Belong in the Landscape*, começava o livro, questionando o que teria aparecido primeiro, se a estrada, se a casa...Talvez fosse a estrada...Haverá que “redefinir o sentido de estrada, tal como existe no nosso mundo contemporâneo, quando

⁶ Cf. Nelson Brissac-Peixoto, « O olhar do Estrangeiro », *O olhar* (Org. Adauto de Novaes), São Paulo, Companhia das Letras, 1988, pp.361-363 (é o olhar que contraria a banalização)

reconhecemos que as estradas, as ruas, os becos e os caminhos já não se podem identificar exclusivamente com o deslocar-se de um lugar a outro.”⁷ Ou seja, sublinhe-se que as ruas deixam de ser somente lugares de passagem para serem lugares...Assim, se pode contrariar, de certo modo, a aceção de Marc Augé...quanto ao conceito de não-lugares...

Como lembrou Jean-Marc Besse em *Le Gôut du Monde*, ao instaurar o conceito de hodologia⁸, John Brinckeff Jackson erradicou as dúvidas sobre qual o sentido das estradas, dos caminhos ou dos trajetos que, por exemplo, Roland Barthes⁹ assinalara quando se questionava como alguém se orientar numa cidade como Tóquio. Pois que no Japão, na ausência de uma toponímia nominal, as referências para localização de um transeunte ou motorizado se acentuavam, subvertendo sentidos de relacionalidade comunicacional urbana.

Ao caminharem pela cidade, os artistas deixaram-se impregnar pelas imagens, tanto quanto pelos ruídos, pelos sons, assim configurando as suas viagens lentas, os seus percursos urbanos. RCN e DM seduziram-se pelo insuspeito, contrariando-lhe as funcionalidades e alertados pelo seu sentido de responsabilidade social. Curioso relembrar a ideia, pensando-a por analogia, de Rainer Maria Rilke em *Viagem singular a Worpsswede*, quando assinala que “cada geração se deixa formar e estimular por um aspecto diferente da natureza.”¹⁰

...que seria de nós, se apenas passeássemos por um jardim ou por uma avenida?¹¹

A geração dos artistas portugueses tem espelho nos artistas brasileiros que se têm deslocado ao Porto e Lisboa, também em contexto de residência artística, priorizando esse olhar a cidade-anti-natureza-natureza urbana: Daniel Caballero, Renato Leal, Pedro Cappeletti, José Rufino, Carlos Nunes e mais recentemente Tchelo.

Imaginae que vamos fazer uma grande viagem. Antes de a
emprehender tomamos a resolução de andar em linha recta.
Atravessemos as florestas, passemos os rios e sigamos
constantemente na mesma direcção. Atravessamos um continente e
chegamos ao mar. Que faremos agora?¹²

Todos eles, de acordo com as suas linguagens estéticas, desenvolvem trabalho artístico onde se plasma estas dualidades múltiplas, indicadas numa experienciação que assegura o primado do humano sobre o caos urbanístico, destacando fragmentos isolados e pregantes. Pelo direito ao ato e estado de caminhar.

O ato de caminhar ajusta-se à responsabilidade pessoal individuada, ao exercício comunitário numa aceção societária. É decidido sob condições racionalizadoras e/ou define-se por razões, mais estritamente instintivas ou pulsionais, assumindo caraterísticas exortadas por quem interprende a caminhada. Ao evocar o ato de caminhar, este é localizado, quase de imediato a uma visão idealizada, no seio da natureza, ainda que tal ato se desenhe amiúde em cenários urbanos díspares. O cenário urbano pode ser regularizado, ordenado e exalando uma arquitetura paisagística modelar, tanto quanto pode traduzir as contaminações de ordem vária, conformando-se como exorcismo

⁷ John Brinckeff Jackson, *Las carreteras forman parte del paisaje*, Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 2011, pp.10-11

⁸ Acerca do conceito de Hodologia vide John Brinckeff Jackson, *À la découverte du paysage vernaculaire*, 1984 e *A Sense of Place, a Sense of Time*, 1994.

⁹ Vide Roland Barthes, *Empire des Signes*, Geneva, Skira, 1970, pp.44-46, p.exemplo.

¹⁰ Rainer Maria Rilke, *Viagem singular a Worpsswede*, Lisboa, Ed. feitoria dos livros, 2016, p.59

¹¹ Henry David Thoreau, *Caminar*, Madrid, Árdora Ediciones, 2001, p.13

¹² Lopes Simões, A., “O Mar”, *Selecta das Escolas para a Instrução Primária*, Porto, Livraria Portuense de Lopes & Cª – Editores, circa 1886, p.200

periódico em visões quase apocalípticas de caos citadino. As grandes cidades, de milhões de habitantes vivendo em condições degradadas, inibem e/ou anulam qualquer possibilidade de fruição, de bem-estar (global.) O ato de caminhar propicia, em meios ambientais 'equilibrados', vivências estimulantes e conciliadoras.

Atualmente, vários artistas reconcebem o ato de caminhar num sentido que de mediação, intermedial, para obter resultados concomitantes e expandidos. Isto é, o ato de caminhar gratifica exigências diversas: metodológica, exploratória, performativa, substantiva a um fazer artística que lhe é posterior, de implicações ideológicas e societárias. Aponta para complementaridades atuantes, exigidas mutuamente. Sendo um fim em si mesmo, alavanca por outro lado, ideias, realizações e produtos geridos pela noção de 'pessoa em estado urbano'...¹³

Des[st]e outro lado do mar, nas incursões por São Paulo, os dois artistas trouxeram os jardins, as ruas e as avenidas, nas suas poéticas mais cruas, levaram-nas para dentro de casa-atelier-sala-de-projeto.

Ao contrário do argumentado por Thoreau, quando se referia àqueles filósofos que não se adentravam na natureza, antes a traziam para perto – mantendo-se distantes todavia – RCN e DM cumpriram um e outro movimento, por assim dizer. Avançaram pela cidade-natureza-urbana e trouxeram para “dentro”. Dois movimentos coniventes: centrífugo e centrípeto, para se deixarem cativar.

A paisagem é uma construção humana num duplo sentido: primeiro, enquanto constructo mental, quer dizer, a paisagem não é um objeto ou uma coisa física, mas a interpretação perceptiva que cada pessoa elabora sobre uns fenómenos que possuem uma realidade física, sobre o mundo ou o território, e segundo, também é uma construção, enquanto essa realidade física, esse território, foi e está a ser transformado por ações humanas...¹⁴

O tráfego da cidade está dentro das suas cabeças e sai-lhes pelos dedos “verdes” (emprestados pelo dizer de Sandra Cinto, comentando ações de florescer as plantas e legumes de Neuza). Ainda que o vidro cerceie a paisagem, pergunta-se. Ainda que, as paisagens e a natureza sejam coadas pelos vidros que dão a ver e, ao mesmo tempo, protegem, afastando as coisas e os seres de si.

Os vidros separam da realidade visível, mesmo durando-a e colocando-a nessa espécie de redoma, algo paradoxal. Estando nós, que percorremos a cidade, verdadeiramente enredados nas nossas películas protetoras, como lhes chamou Clarice Lispector...

RCN e DM ludibriaram essas películas protetoras e trouxeram para dentro de casa, carregando pela estrada/rua um galho, um ramo morto e gigante de palmeira. Descansaram-no no chão da sala, de modo a que possa olhar em redor e detetar nas paredes imagens tranquilas da cidade que está fora da residência. O galho de palmeira transportou em si as imagens e os ruídos, os sons que se distribuem ao longo dos caminhos, no desenrolar dos tais trajetos que atrás se mencionaram.

Afinal qual a força da decifração do lugar, da paisagem, da estrada ou da rua, inquiria Jean-Marc Besse, extrapolando as reflexões no âmbito da Hodologia, naquilo que sejam os seus objetivos prioritários, no relativo à viagem e aos caminhos: “1) Comment les chemins et voyages contribuent à structurer objectivement, concrètement, les paysages et les espaces? Mais aussi 2) comment contribuent-ils à structurer et orienter la perception et la représentation des paysages et des espaces ? Enfin, 3) en quoi une réflexion sérieuse sur les

¹³ Cf. Maria de Fátima Lambert, "Caminhadas Estéticas, Intervenções artísticas: educação do gosto pela fruição da cidade", *Sensos*, nº 10, vol. III, 2015.

¹⁴ Javier Maderuelo, « La actualidad del paisaje » in *Paisaje y pensamiento*, Madrid, CCDAN, 2006, p. 235

routes et les voyages contribue-t-elle à structurer une certaine forme de pensée, voire la pensée philosophique, à propos du monde ? »¹⁵

RCN e DM raciocinam entre estes mundos de pensamento, desdobrando as suas mais arreigadas convicções, materializadas e pensadas, sobretudo numa perfectibilidade e acuidade estética que são invulgaes.

Sem margens para dúvida, Jean-Marc Besse tocou num ponto charneira que é, simultaneamente denominador comum, no caso de todos os artistas a que antes me referi: “a questão da paisagem deve ser abordada enquanto interrogação antropológica.”¹⁶ A paisagem não é apenas representação, existe realidade por detrás, que lhe é substantiva. Contudo, tal convicção não abstrai, menospreza, minimiza, anula ou erradica – na minha perspetiva - a dimensão estetizante e artística da paisagem, tal como tradicionalmente foi prioritária na cultura europeia ocidental. Reforça-a, configura-a e justifica-a.

É através do corpo próprio que se acede, e atingem, às coisas externas que, depois, se convertem em coisas internas. A imagem primordial, imprescindível é o corpo. As imagens estão entre nós e os outros: questão de identidade (que não mesmidade) e de alteridade, através do acesso visionante à pele do outro como limiar imagético, no domínio paisagem-corpo. Tal condição conduz a intercessões, incursões intersubjetivas que, como assinalou Jacques Rancière, devem ser consideradas. Ou seja, “a alteridade entra na própria composição das imagens, assim como essa alteridade diz respeito a mais do que às propriedades materiais do meio cinematográfico.”¹⁷

Tudo parece alertar-nos para o fato de que a apropriação, melhor, a incorporação na sua obra artística, daquilo que os novos lugares têm a disponibilizar, seja uma *cosa mentale*. Algo que define a realidade efetiva em moldes de uma reaprendizagem responsável e consciente da sociedade, adestrada no seu meio.

A realidade da terceira paisagem é de ordem mental.¹⁸

Maria de Fátima Lambert

Bussaco/Curia, Agosto 2017

¹⁵ Jean-Marc Besse, *Le Gout du Monde*, Paris, Actes du Sud, 2009, p.191

¹⁶ Jean-Marc Besse, *Voir la Terre - Six essais sur le paysage et la géographie*, p.99

¹⁷ Maria de Fátima Lambert, « E tudo o resto é paisagem... », *Revista Visuais*, v. 2, n. 3 (2016), Campinas, Unicamp, p.3 (in <http://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/visuais/article/view/548/pdf> - consultado a 24 janeiro de 2017). A citação é de Jacques Rancière, *Le destin des images*, Paris, La Fabrique Éditions, 2003, p. 11

¹⁸ Gilles Clément, *Manifiesto del Tercer Paisaje*, Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 2007, p.25